

UMA CONVERSA SOBRE CLARICE

Em encontro informal ocorrido no Clube dos Professores do *campus* da USP em São Paulo, a poetisa, tradutora, jornalista e desenhista Olga Savary falou sobre Clarice Lispector a Marleine Paula Marcondes e Ferreira de Toledo, professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH-USP.

* * *

Marleine Paula: Olga, qual seu relacionamento com Clarice e o que vocês duas tinham em comum?

Olga Savary: Eu e Clarice nos encontramos uma dezena de vezes. Embora não pudesse dizer que fôssemos amigas de todo dia, éramos as duas grandes solitárias e nem era preciso falar muito a respeito: nos entendíamos sem palavras. O primeiro ponto que tínhamos em comum era o fato de Clarice ser russa – de uma cidadezinha da Ucrânia, vindo pequena para o Brasil com os pais – e eu, filha e neta de russos de Smolensk, com ascendência francesa. Além disso, alguns críticos nos diziam semelhantes física e literariamente.

Marleine Paula: Olga, você diz literariamente. Em que momento o caminho de vocês se bifurca?

Olga Savary: Ela se dedicou à literatura, especialmente aos romances e contos. Não se deteve na poesia e, embora pessoalmente me tenha dito nunca ter pensado nisso, eu sabia que ela já havia tentado. Entretanto, elogiava e dizia gostar muito do que eu escrevia. Acredito que todos os seus textos estão erguidos sobre as magníficas colunas do poético e, na minha opinião, ela é a autora do maior universo literário que nós temos, o mais singular, o mais inquietante, um abismo fascinante e poderoso. Justamente por causa do suporte poético. Da poesia.

Marleine Paula: A que você atribui as características especiais da personalidade de Clarice e que se refletem em sua obra, considerada por alguns como hermética e enigmática?

Olga Savary: Veja bem. Clarice foi criada numa sociedade em que o pai, o homem, era a figura-chave. Mesmo que tenha vindo para o Brasil pequena e vivido em Pernambuco e, depois no Rio, os traços de sua personalidade já vieram delineados por um outro tipo de cultura. Soma-se a isso o fato de ela ter viajado muito e dominar idiomas estrangeiros como o inglês e o francês. Nela, muitos universos se debatiam para formar um todo: mais emocional que racional, sem dúvida. Há, inclusive, uma tese de Claire Varin, defendida na Universidade de Montreal, em 1986, e citada por José Geraldo Nogueira Moutinho, no *Jornal do Rio-Arte*-1987, sobre exatamente esse aspecto da multinacionalidade de Clarice e as variadas influências lingüísticas que afetariam ou determinariam o estilo peculiar da escrita e seu "pensar-sentindo". Aliás, a dualidade estava presente nela. Era complicada, embora simples. Ambas as coisas ao mesmo tempo, o que é usual no ser humano, essa dualidade que dá tempero à vida. Simples e complexa. Ela trabalhava com o sensível, com a emoção; via além da banalidade do cotidiano. Partia do intelectual para o sensorial, amava o mundo das plantas e dos animais.

Marleine Paula: É comum escritores serem fotografados ao lado de seus animais e, só para citar alguns, Lygia Fagundes Telles e Guimarães Rosa com seus gatos. Você se lembra de algum animal de Clarice?

Olga Savary: Ela tinha um cachorro. Certa vez, participei de uma entrevista que o jornal *O Pasquim* fez com ela, não sei se em 71 ou 72, em que seu cachorro Ulisses engolia todas as pontas de cigarro que os entrevistadores deixavam no cinzeiro da sala de seu apartamento do Leme, no Rio. Clarice não o impedia. Que comesse, que fizesse o que bem entendesse!

Marleine Paula: Olga, em entrevista recente, você concorda com o entrevistador sobre o fato de os poetas serem lidos geralmente por outros poetas. A meu ver, isso cria uma redoma em torno das obras literárias, principalmente das consideradas mais intelectualizadas. No caso de *Lispector*, você a classificaria como uma intelectual?

Olga Savary: A própria Clarice costumava afirmar não se considerar uma intelectual e, se dissemos que isso seja fruto de uma atividade racional sistemática, uma aplicação exaustiva, realmente ela não era. Além disso, como diz Otto Lara Rezende, ela não visava a profissionalizar-se ou a "impor-se uma rotina de escrever, a partir de uma necessidade que é também obrigação pragmática. Ou prática obrigatória". Antes de mais nada, ela trabalhava com a emoção, com a própria emoção. Não podemos esquecer que ela é um caso à parte, sendo difícil classificá-la ou rotulá-la.

Marleine Paula: Na obra de *Lispector*, a simbologia dos quatro elementos componentes do universo está presente e, por coincidência, a *água*, tanto para ela (*Perto do coração selvagem*, 1944; *Água-viva*, 1973), quanto para você (*Linha d'água*) é o eixo fecundo de obras maravilhosas. Já que vocês têm tantos pontos em comum, em poucas palavras, você poderia dizer onde convergem e por onde caminham juntas?

Olga Savary: A tônica da escrita de Clarice é a trajetória da consciência individual na busca de si mesma e de sua própria identidade. Seria também a busca da unidade que está presente em meus poemas. Assim como Clarice em *A hora da estrela* diz: "Esse eu que é vós pois não agüento ser apenas



Clarice Lispector por Olga Savary

mim, preciso dos outros para me manter de pé, tão tonto que sou, eu enviado...”, meu texto, alimentado pela paixão da poesia em si e pela paixão pela vida, pelo “outro” (desde o “muso” aos semelhantes e diferentes que me cercam), se alimenta de si mesmo, com suas obsessões e imagens obsedantes. Como ela, sinto que sou eu e sou o outro. Aliás, existe um livro, *Leitura de Clarice Lispector*, de Benedito Nunes em que ele foi muito feliz na definição dessa busca: “Narrar é narrar-se: tentativa apaixonada para chegar ao esvaziamento, ao Eu sem máscara, tendo como horizonte ... a identificação entre o ser e o dizer, entre o signo escrito e a vivência da coisa, indizível e silenciosa”

Marleine Paula: Há textos seus como *Linha d’água* e partes de *Magma* que estão sendo adaptados para o teatro. Temos visto, também, a utilização pelo cinema e mesmo pela televisão de textos literários de autores consagrados. A que você credita a aceitação pelo público e a premiação, por exemplo, do filme “A Hora da Estrela”, da diretora Suzana Amaral: à força do texto de Lispector ou à adaptação do roteiro?

Olga Savary: O cinema e a televisão têm a seu dispor todos os recursos visuais que a arte escrita apenas sugere. O cinema recria o universo literário, mas delimita-o ao mesmo tempo. Assim, na adaptação de um texto para um outro veículo de comunicação, o diretor tem a liberdade de apresentar ao espectador sua versão do fato, a maneira como chegou à sua sensibilidade o que o autor transmitiu pelas palavras. Portanto, não se pode comparar um filme a uma obra literária, principalmente em se tratando da obra de Clarice Lispector, pois justamente seu encanto é a capacidade de suscitar as mais variadas interpretações a quantos desejarem entendê-la e mesmo interpretá-la. Já com o teatro é diferente.

Marleine Paula: Estamos há mais de dez anos sem Clarice. Que mensagem o distanciamento traz e o que o tempo transcorrido pode provar?

Olga Savary: Clarice tinha, de acordo com algumas opiniões, qualidades mediúnicas e grande atração por estudos de paranormalidade. Sua extrema sensibilidade a tornava quase uma adivinha e seu olhar perfurava as aparências, buscando-lhes o âmago. Ela procurava o segredo do silêncio, a palavra certa para descrever o que não pode ser descrito, a resposta para o que não tem expressa ainda sua pergunta. Nesse tempo passado de ausência, nunca seus livros foram tão lidos e sua obra tão debatida. Qualquer opinião leva sempre ao fato inegável de que Clarice tocou a fronteira tênue entre o real e o imaginário, transformando em arte a sua busca, deixando-nos de presente as trilhas para o encontro com o abstrato e o espiritual.

* * *

Paraense de Belém e radicada no Rio de Janeiro desde 1945, Olga Savary lançou seu primeiro livro somente em 1970, aos 37 anos. Descendente de russos e franceses, por parte de pai, e de portugueses e índios, por parte de mãe, situa-se entre os nomes mais representativos de nossa poesia, embora diga que não foi ela quem escolheu a poesia, mas que foi escolhida por ela.

Traduziu inúmeros livros dos maiores escritores latino-americanos (Neruda, Carlos Fuentes, Cortázar, Vargas Llosa, Octavio Paz, etc.), sendo autora de obras premiadas como: *Espelho provisório* (Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 1970, Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro), *Sumidouro* (São Paulo, Massao Ohno/João Farhas Editores, 1977, Prêmio APCA e escolhido como o melhor livro do ano pelo Jornal do Brasil), *Altaonda* (Salvador/São Paulo, Macunaima/Massao Ohno, 1979, Prêmio UBE), *Natureza viva: uma seleta dos melhores poemas de Olga Savary* (Recife, Edições Pirata, 1982), *Magma* (São Paulo, Massao Ohno/Roswitha Kempf Editores, 1982, Prêmio Olavo Bilac de Poesia da Academia Brasileira de Letras), *Hai-Kais* (São Paulo, Roswitha Kempf Editores, 1986), *Linha d'água* (São Paulo/Rio de Janeiro, Massao Ohno/Hipocampo Editores, 1987) e *Berço esplêndido* (Prêmio Nacional de Poesia 1987 da Academia de Letras da Bahia).

Recebido em 03 de dezembro de 1987.